

GOODY, Jack. *The Eurasian Miracle*. Cambridge: Polity Press, 2010. 160 páginas.

Pedro Paulo A. FUNARI

Jack Goody (1919-) pode ser considerado um dos maiores antropólogos vivos, professor emérito de Cambridge, cujos estudos clássicos sobre a alfabetização completam meio século. Goody, após tratar de temas tão variados como os usos sociais das flores e da cozinha, volta-se neste livro recém-publicado para o grande tema da nossa época: a ascensão da China. O antropólogo britânico busca, em um volume denso, mas voltado para o leitor culto em geral, mostrar que houve relativa unidade do continente europeu e asiático desde a Revolução da Idade do Bronze, a partir do fim do terceiro milênio a.C., portanto. Este recorte cronológico origina-se nos conceitos do arqueólogo Gordon Childe (1892-1957), mestre de Goody, sobre o surgimento da cultura das cidades, ou civilização, no bojo da revolução do bronze. Opõe-se, de maneira explícita, à leitura do mundo e da História centrada na Europa, em autores como Marx, Weber e muitos historiadores. Para Goody, ao contrário, não houve uma supremacia européia essencial e imanente, fundada, como quiseram tantos, na superioridade do homem livre ocidental frente ao indivíduo subjugado ao coletivo e ao despotismo no Oriente. Ele propõe que tenha havido, nos últimos quatro milênios, uma alternância entre Europa e Ásia e que, no momento, o pêndulo volta, de novo, a pender em direção à Ásia.

De início, começa por questionar a categoria “Europa” e propõe, em seu lugar, aquela de Eurásia, ao enfatizar que as trocas e contatos nessa terra contínua que vai da China até o *finis terrae*, e suas ilhas adjacentes, como o Japão e as ilhas britânicas, foram intensos e rejeita a contraposição programática entre ocidentais e orientais e mesmo entre antigos e modernos. Critica, nesta linha, os que interpretaram a economia do mundo Greco-Romano como primitiva e aproxima os rituais gregos dos modernos, como na maçonaria, de modo a realçar antes as continuidades e semelhanças do que as rupturas e diferenças históricas. Em seguida, parte para estudar alguns aspectos que caracteriza como domésticos das afinidades e relações entre europeus e asiáticos. As relações familiares e o individualismo não servem para opor ocidentais aos orientais, nem muito menos aceita a teoria da origem protestante da pletora de características atribuídas ao ocidente, da criação do indivíduo ao capitalismo. Ironiza inúmeras vezes a

pintura ocidental dos orientais em sua caricatura usual, como parte de um coletivo, sem individualidade, como quando lembra que o coletivismo maoísta deriva... Do Marxismo ocidental!

Goody escreveu um grande ensaio e seus argumentos, muitas vezes, parecem geniais tiradas ou insights, diversas delas repetidas no decorrer do volume, que, por isso mesmo, dá a impressão de ser uma coletânea de aulas brilhantes. Tudo parece sair da prodigiosa memória do antropólogo, pois mescla suas leituras de juventude com referências posteriores, nunca para provar, pela erudição, mas para persuadir pela demolição das certezas dos que defendem uma supremacia ocidental. Seu capítulo central, sobre a Eurásia e a Idade do Bronze, demonstra essas virtudes e características. Inicia com Gordon Childe, um clássico que escreveu a mais de seis décadas e aciona outro clássico, Eric Woolf e seu *A Europa e os povos sem História*, publicado em 1982, “recentemente,” como diz à página 43. Relaciona o surgimento da escrita ao desenvolvimento da culinária e a caracteriza como um critério de civilização fundamental, ao tratar da *haute cuisine* chinesa, indiana, árabe, italiana e francesa. Não podia faltar uma referência ao Banquete de Trimalcião, no Satíricon de Petrônio, como a traír sua formação clássica na *Grammar School* da pequena St. Albans, cidadezinha de origem romana (*Verulamium*), ao norte de Londres. Na esteira da sua formação arqueológica, não deixa de enfatizar como os vestígios materiais mostram aspectos como a comunicação entre ocidente e oriente ou a sofisticação da civilização material em diversos momentos e lugares. Quer sempre ressaltar que o Ocidente não inventou as artes, a literatura, o teatro, a pintura, a escultura, mas que tais elaborações culturais circularam no grande mundo da Eurásia em alternâncias e influências mútuas.

Dedica um capítulo para demolir a tese clássica da origem da riqueza mercantil no ascetismo puritano protestante e o faz, entre outras maneiras, a partir da sua experiência familiar presbiteriana escocesa. Em seguida, demonstra que a chamada sociedade do conhecimento não é algo novo, como diz o senso comum, mas apanágio do ser humano e retoma sua oposição clássica entre a memória oral e a escrita, com sua capacidade única de acúmulo de conhecimento. Outro capítulo trata do hiato da temporária vantagem ocidental após o Renascimento para concluir, no último, com a alternância em direção à Ásia. Retoma Childe e situa a origem da civilização na Mesopotâmia e Egito em 3000 a.C., de onde se expandiu para Oriente e Ocidente e faz um breve resumo da História de alternâncias e interações na Eurásia. O livro conta, ainda, com dois breves apêndices para expor os argumentos dos eurocêntricos e para

explicar o papel da água no desenvolvimento diversificado de regiões ricas ou pobres em termos hídricos.

O livro de Goody é, antes de tudo, um convite à reflexão, uma leitura agradável, rápida e entusiasmante. Seus argumentos nem sempre parecem convincentes e as provas são sempre parcas e pouco detalhadas. Quem quiser encontrar furos factuais ou ausências na literatura o fará sem dificuldade, mas isto não desqualifica a obra, que se pretende um ensaio e está, neste sentido, na melhor tradição de pensadores como o citado (e criticado) Marx, ou Childe e Foucault, cujos escritos também apresentam esse caráter ensaístico. O argumento de fundo de Goody pode ser resumido em uma palavra: a civilização é apanágio da Eurásia, não da Europa apenas. Este argumento tem o grande mérito de questionar uma visão essencialista e fora da história de um *ethos* ocidental superior àquele do resto do mundo. Segue, neste aspecto, o mestre Childe. A crítica que se pode fazer, como já se fazia a Childe, é desconsiderar a África e a América, continentes e civilizações tomados como dominado por culturas orais, à diferença da sofisticação das civilizações com escrita da Eurásia. Contudo, não se precisa concordar com todo o arcabouço do seu argumento para admirar o esforço, este sim da mais alta relevância, de descortinar os laços de união entre a Europa e a Ásia, entre a Antiguidade e a Modernidade. Todos os leitores sairão muito mais ricos ao final da leitura desta bela obra.

Pedro Paulo A. Funari

Professor Titular do Departamento de História
IFCH/Unicamp
ppfunari@uol.com.br

Recebido em 17/07/2010

Aceito para publicação em 02/09/2010